



A erva-de-passarinho cresce no tronco (foto) e galhos dos chapéus-de-sol no calçadão. Ela se alimenta de nutrientes da espécie hospedeira



A copa das árvores da Av. Barão de Penedo tem aspecto esbranquiçado

Parasitas ameaçam árvores símbolos da orla de Santos

Especialistas alertam que erva-de-passarinho pode acabar com chapéus-de-sol da orla

DA REDAÇÃO

Em cerca de dez anos, a orla santista pode ficar sem seus chapéus-de-sol, as árvores símbolos do calçadão da praia. Isso se não houver tratamento contra um hemiparasita que muita gente conhece e até acha bonito: a erva-de-passarinho. O alerta é de especialistas.

O paisagista Oswaldo Casasco aposta que o tempo de vida das árvores não deve passar dos dez ou 12 anos, se nada for feito. Ele sugere um plano de arborização com a substituição das plantas doentes por sadias. Mas é preciso ser rápido. Segundo Casasco, dependendo da vegetação, ela demora a crescer e precisa de cuidados, principalmente quando está crescendo, para que não fique torta ou perca força.

PARASITA

A erva-de-passarinho não é específica: é qualquer tipo de vegetação que aproveita a água, seiva e nutrientes de

POR TODOS OS LADOS

Há na Cidade cerca de 30 mil árvores divididas em 118 diferentes espécies. As mais numerosas são chapéu-de-sol, ingá, acácia, alecrim, aroeira, embiruçu, ficus, flamboyant, ipês, jambolão, manacá, pata de vaca, quaresmeira e saboneteira. Entre os bairros mais arborizados estão o Embaré e a Aparecida. Conforme estudo da Prefeitura, as praças concentram 3.113 pés de 116 espécies, das quais 63% exóticas (originárias de outros países), 37% nativas do Brasil e, destas, 25% oriundas da Mata Atlântica. Nas escolas são 1.818 árvores, de 124 espécies, sendo 24% nativas e 76% exóticas.

outra já desenvolvida. Mas esse tipo de hemiparasita presente nas árvores da orla de Santos leva esse nome porque geralmente se espalha pelas fezes de pássaros que transportam as sementes.

Quando depositada nos galhos, a hemiparasita cresce se alimentando dos nutrientes da árvore hospedeira. O resultado é um desequilíbrio: a árvore percebe a queda de alimento roubado pela erva-de-passarinho e envia mais seiva bruta para a região afetada, deixando o restante da vegetação defi-

ciente. Assim, a praga é alimentada, empobrecendo o restante do chapéu-de-sol.

Outro paisagista conceituado da Cidade, Domingos Tringali, também diz que a erva-de-passarinho está “atacando na orla da praia”. Mas, para o especialista, é possível retirar o hemiparasita sem necessidade de troca das árvores.

“Só alguns pés (de chapéu-de-sol) em Santos não estão afetados, mas é uma erva que dá para tirar. Se deixar, ela vai acabar matando (as árvores) mesmo”, alerta.

PREFEITURA

A Tribuna solicitou à Prefeitura entrevista com algum responsável pelo setor que cuida das árvores na Cidade para explicar o que está sendo feito para retirar os hemiparasitas.

Por meio de nota, a Administração respondeu que a Coordenadoria de Paisagismo (Copaisa) “informa que os chapéus-de-sol da orla serão eventualmente substituídos na medida em que a análise técnica periódica identificar necessidade”.

Para Tringali, é uma medida muito drástica arrancar as árvores ou esperar cada uma necessitar de substituição. O ideal seria um cuidado contínuo. “Mas custa caro, dá trabalho e demora. Na década de 1970 se fazia a limpeza (nos galhos) sempre. Seria preciso também observar para (a erva-de-passarinho) não passar depois de uma árvore para outra. Mesmo assim, é importante agora aliviar essa infestação”, opina.

População pede maior cuidado

■ Moradores do canal da Avenida Barão de Penedo, no José Menino, estão preocupados com o futuro das árvores que os acompanham há tantos anos. Rovena Brito Sassi, de 70 anos, é uma delas. Há duas décadas, ela tinha apenas uma mesma visão da janela: a copa das árvores. “Elas eram bem fechadas. A gente nunca conseguia ver a calçada do outro lado. Agora elas estão esbranquiçadas e conseguimos ver a rua”.

Maria Moroni, de 72 anos, do lar, também não sabe o que está acontecendo. Segundo ela, muita gente diz que os cupins mataram as vegetações. Há quem culpe o clima mais frio. Seja lá qual for o motivo, ela está triste. “Acho que as árvores precisariam ser mais cuidadas. Estão muito secas, abandonadas”, reclama. Antonio Moroni, de 82, ressalta outra questão. “Por que não tem mais pássaros? Antes eu abria a janela e vinham muitos comer as frutas que a gente colocava. Hoje em dia, até canto de sabiá é difícil ouvir aqui”.

CHOQUE TÉRMICO

Segundo o paisagista Oswaldo Casasco, o embranquecimento das copas é culpa dos galhos ressecados e sem folhas. Tudo por conta do choque térmico

ocorrido no mês passado, quando uma frente fria passou pela região baixando as marcas dos termômetros bruscamente neste inverno com cara de verão.

“Os vegetais sofrem com a queda da temperatura. Quando começa o inverno, as plantas têm tempo de se adaptar. E a mudança (no clima) foi repentina”, explica ele.

No entanto, o especialista também ressalta que a maioria daquelas árvores está tomada por cupins, o que as deixa mais fracas. “Isso, aliado à pouca oferta de luz, acaba resultando na queda das folhas. As plantas estão doentes sim”, frisa.

AGORA?

A Tribuna pediu entrevista à Prefeitura para saber o que está acontecendo – se as árvores da Avenida Barão de Penedo estão com cupins e morrendo e se há intenção de retirada ou plantio.

A Administração enviou nota afirmando que monitora o local há quase dez anos e que a última poda aconteceu em 2016. De lá para cá, algumas árvores já foram retiradas. Nas próximas semanas, uma nova vistoria será feita para avaliar eventuais retiradas.

Florada de ipês colore a Cidade

FERNANDO DEGASPARI

■ A florada dos ipês começou. Então, aproveite, porque toda essa beleza tem prazo de validade. A árvore, que passa despercebida a maior parte do ano, gosta do tempo seco e frio para dar o ar da graça. Hoje, elas estão espalhadas pelos quatro cantos do País e podem ser vistas em vários pontos de Santos.

As flores de cores vivas inevitavelmente chamam a atenção de quem passa pela Avenida Epitácio Pessoa, na Ponta da Praia (foto). Afinal, quem não gostaria de ter um ipê-roxo como papel de parede na tela do celular? Se essa é a ideia, é bom correr. A florada deles dura apenas 15 dias, em média.

Embora nativo do cerrado brasileiro, os ipês estão espalhados por todo o País, explica a professora de Botânica Zélia Rodrigues de Mello, responsável

vel pelo herbário da Universidade Santa Cecília (Unisantia).

“Quanto mais frio e seco maior será a intensidade da florada”, explica a especialista. “Mas acho que a espécie se adaptou ao clima de todos os lugares, já que nossa região é quente e úmida e temos bonitas floradas”, constata Zélia.

São reconhecidas mais de 70 espécies, mas as cores predominantes são roxo, amarelo, rosa e branco. As floradas acontecem nessa ordem, de julho a setembro de cada ano.

BELEZA

O coordenador de paisagismo da Secretaria de Serviços Públicos de Santos, João Cirillo, diz que a Prefeitura investe no plantio dessa espécie, porque embelezam a Cidade. “Costumo dizer que elas quebram a monocromia das ruas”.

Não se sabe, ainda, quantos ipês estão plantados em Santos. A Secretária de Meio Ambiente está realizando um censo e terá essa resposta em breve. O que já se sabe é que os ipês são a terceira espécie mais comum por aqui, atrás dos ingás e dos chapéus-de-sol.

O Jardim Botânico Chico Mendes, na Zona Noroeste, é um bom local para quem quer apreciar os ipês. O local reúne as quatro principais espécies. Já pela Cidade, Cirillo diz que não existe um local específico onde haja uma concentração dessas árvores. “Perto do Teatro Municipal tem um ipê bem marcante”, lembra ele.

Descobrir os ipês por aí não é tarefa difícil nessa época do ano. Pelo tamanho e pela beleza, eles são capazes de fazer qualquer um esquecer da correria e sacar o celular do bolso para garantir uma foto.



A beleza e as cores dos ipês se destacam na paisagem urbana e fazem um convite para um click no celular